

uma terceira variante em que os dois argumentos internos ocorrem sob a forma de um constituinte nominal coordenado, como se pode observar nos exemplos (54):

- (54) (a) [Esse rapaz]<sup>su</sup> combina [a inteligência]<sup>od</sup> [com a simpatia]<sup>obl</sup>  
 (b) [Esse rapaz]<sup>su</sup> combina [a simpatia]<sup>od</sup> [com a inteligência]<sup>obl</sup>  
 (c) [Esse rapaz]<sup>su</sup> combina [a inteligência e a simpatia]<sup>od</sup> ((54a) ⇔ (54b) ⇔ (54c))

Os esquemas relacionais definidos por este tipo de verbos (30) são, portanto, os seguintes:

- (55) variantes com comutação: X<sup>su</sup> V Y<sup>od</sup> com *lae la* Z<sup>obl</sup>  
 X<sup>su</sup> V Z<sup>od</sup> com *lae la* Y<sup>obl</sup>  
 variante com coordenação: X<sup>su</sup> V [Y e Z]<sup>od</sup>

Muitos dos verbos com simetria dos argumentos internos são verbos de alternância causativa, pelo que admitem uma variante não causativa com as características de simetria da variante causativa, como se pode observar em (56):

- (56) (a) [A inteligência]<sup>su</sup> combina-se [com a simpatia]<sup>obl</sup>  
 (b) [A simpatia]<sup>su</sup> combina-se [com a inteligência]<sup>obl</sup>  
 (c) [A inteligência e a simpatia]<sup>su</sup> combinam-se (uma com a outra). ((56a) ⇔ (56b) ⇔ (56c))

### Verbos transitivos que admitem queda do objecto

Alguns verbos transitivos admitem queda do objecto directo (31), possibilidade que a tradição gramatical luso-brasileira denomina uso intransitivo de verbos transitivos. Quando isto acontece, o argumento interno directo não é projectado na representação sintáctica, uma vez que não é acessível aos processos sintácticos a que são sensíveis categorias sem realização lexical (32). Observem-se os exemplos (57):

(30) Entre os verbos causativos com simetria dos argumentos internos contam-se: *aproximar, associar, comparar, coordenar, emparelhar, entrelaçar, misturar, reconciliar, sincronizar, unir*. (31) Contam-se entre eles: *beber, comer, ouvir, ver, ler, escrever*. (32) Este facto levou Rizzi (1986) a considerar que a propriedade que caracteriza estes verbos é a possibilidade de satisfação do *Critério Temático* no Léxico.

- (57) (a) João comeu demais.  
 (b) Ela só pintou no fim-de-semana.

A queda do objecto directo tem efeitos na *aktionsart* do verbo, razão pela qual frases no presente descrevem tipicamente estados, apresentadas como propriedades típicas do argumento externo:

- (58) (a) A Maria escreve.  
 (b) O meu sobrinho mais novo já lê.  
 (com a interpretação "a Maria é escritora")  
 (com a interpretação "o meu sobrinho mais novo já sabe ler")

### 10.2.7. Entre verbos principais e verbos auxiliares: verbos leves e semiauxiliares

Existem verbos normalmente classificados como verbos principais que, em certas construções, não exibem as propriedades típicas desta classe: os verbos leves (33). Do mesmo modo, certos verbos, geralmente classificados como auxiliares, não respondem afirmativamente a todos os critérios de auxiliariedade, pelo que merecem ser classificados como verbos semiauxiliares. Verbos leves e verbos semiauxiliares partilham a seguinte propriedade: entram obrigatoriamente na formação de um predicado complexo.

### Verbos leves

Observem-se contextos em que *dar*, *fazer* e *ter* ocorrem como verbos principais (cf. (59)) e como verbos leves (cf. (60)):

- (59) (a) O João deu um livro à Maria.  
 (b) A Maria fez um bolo aos / para os amigos.  
 (c) Eles têm uma casa em Sintra.

(33) O termo 'verbo leve' foi utilizado pela primeira vez em Jespersen (1909/1949). Harris usa a designação verbo operador (cf. Harris, 1970) e Gross verbo suporte (cf. Gross, 1981). Sobre as propriedades dos verbos leves vejamos, entre outros, Cattell (1984), Grimshaw e Meister (1988) e Butt e Gauder (1999). Sobre construções com verbos leves em português, veja-se Ranchhod (1989, 1990), Moura Neves (1996) e Baptista (1997).